A visão de mulheres que escolheram não ter filhos: um estudo psicossocial

Sarah Zanini Hidasi [1]
Ana Terra Sudário Gonzaga [2]

Resumo

Na contemporaneidade, a maternidade passou a ser vista como possibilidade de escolha para as mulheres, e, com isso, muitas têm optado cada vez mais pela não maternidade. Neste cenário, este estudo buscou refletir sobre o fenômeno da maternidade como uma escolha, investigando o impacto da não maternidade na vida das mulheres, suas percepções acerca da maternidade e a relação entre maternidade e ser mulher na sociedade moderna. Foi amparado sob o referencial teórico-metodológico da Psicologia Sócio-Histórica e de literaturas feministas. A pesquisa teve caráter exploratório, com método de análise de dados qualitativo. Para isso realizou-se cinco entrevistas semiestruturadas com mulheres entre 24 e 51 anos, que informaram acerca da escolha de não serem mães. Os dados foram analisados por meio de análise de conteúdo e os resultados apontaram que ser mãe nunca foi um sonho para essas mulheres, e estes estariam mais voltados para a esfera profissional. Além disso, a grande responsabilidade de ter um filho e os obstáculos enfrentados pelas mães próximas, são motivos que colaboraram na decisão de não serem mães. Essas observaram que a influência social por meio da mídia e o olhar social incomodam e não refletem uma maternidade real. Por fim, foi visível o quanto existe o julgamento social em relação as escolhas das entrevistadas, que desejam obter apoio e respeito. Considerando que as mulheres necessitam de políticas-públicas e redes de apoio que garantam bem estar e que as façam sentir acolhidas frente suas decisões.

Palavras-chave: Maternidade; Não maternidade; Psicologia Sócio-Histórica**.**

Abstract

In contemporary times, motherhood has come to be seen as a possibility of choice for women, and, as a result, many have increasingly opted for non-maternity. In this scenario, this study sought to reflect on the phenomenon of motherhood as a choice, investigating the impact of non-maternity on women's lives, their perceptions about motherhood and the relationship between motherhood and being a woman in modern society. It was supported by the theoretical-methodological framework of Socio-Historical Psychology and feminist literature. The research had an exploratory character, with a qualitative data analysis method. For this, five semi-structured interviews were carried out with women between 24 and 51 years old, who informed about the choice not to be mothers. The data were analyzed through content analysis and the results showed that being a mother was never a dream for these women, and they would be more focused on the professional sphere. In addition, the great responsibility of having a child and the obstacles faced by close mothers are reasons that contributed to the decision not to be mothers. These observed that the social influence through the media and the social look bother and do not reflect a real motherhood. Finally, it was visible how much there is social judgment in relation to the choices of the interviewees, who want to obtain support and respect. Considering that women need public policies and support networks that guarantee well-being and that make them feel welcomed in the face of their decisions.

Keywords: Maternity; Non-maternity; Socio-Historical Psychology.

[1] Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Alves Faria. Email: zhsarah@outlook.be

[2] Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Pós graduada em Terapia Sistêmica de Casal e Família pelo Centro de Avaliação, Ensino e Pesquisa de Goiás. Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Psicóloga clínica. Email: anaterra.gonzaga123@gmail.com

O presente trabalho traz reflexões acerca da maternidade, a partir de uma visão psicossocial de mulheres que escolheram não ter filhos. Segundo Badinter (1985) o conceito de maternidade se deu através de uma construção histórica, definida como desejo natural das mulheres. Partiu-se do pressuposto que o querer ser mãe faz parte de um determinismo inato a todas as mulheres, o qual foi socialmente construído ao longo dos séculos. A autora também afirma que o conceito de maternidade é utilizado de forma ambígua, pois remete ao mesmo tempo a um estado fisiológico momentâneo, a gravidez, e a uma ação a longo prazo: a maternagem e a educação. Nesse sentido, a possibilidade de adotar uma criança, também é uma forma de representação da maternidade (Sonego & Lopes, 2009).

A maternagem, ou seja, os cuidados decorrentes que uma criança necessita nos primeiros anos de vida, pode ser realizado por outros sujeitos além da mãe, embora ocorra uma junção da função biológica da mulher com aquilo que se denomina como cuidados maternos ou maternagem (Badinter, 1985). Por isso, as formas pelas quais a maternidade é percebida e como as mulheres se veem como mães, dizem mais respeito às circunstâncias históricas e ideológicas desenvolvidas, do que a um suposto instinto maternal. Como qualquer outra questão humana, ela é intrínseca ao contexto, valores e crenças de uma sociedade (Fidalgo, 2000; Dimenstein, 2008).

Historicamente, o amor materno obteve diferentes significados, até o século XVIII por exemplo, as mulheres entregavam seus bebês às amas para amamentarem, desta forma, ficavam com elas por um longo tempo, muitos nem voltavam para casa. Na óptica de Badinter (1985), os valores da sociedade pesavam mais do que os desejos das mulheres, logo, muitas engravidavam contra sua vontade, podendo ou não desenvolver o que foi nomeado como amor materno.

Ainda em Badinter (1985), a partir do século XVIII em diante, as atitudes maternas mudaram, as mães passaram a "maternar" suas crianças, reforçando a ideia generalizada de que a maternidade é apropriada à mulher. Além disso, essa mulher foi feita não só para ser mãe, mas uma boa mãe, e as que fossem contra essa norma eram vistas como anormais, sendo consideradas casos patológicos.

Como afirma Lessa (2012), o estabelecimento da família monogâmica trouxe impactos definitivos para mulheres e homens. Devido a divisão sexual do trabalho, foram destinadas às mulheres as atividades domésticas ligadas à reprodução biológica, tais como cuidados com os filhos, alimentação e a prontidão para servir o marido. Enquanto aos homens foram direcionadas atividades relacionadas a produção de riqueza social, como a resolução de grandes problemas e a decisão do futuro da humanidade. Visto isso, "o mesmo processo de alienação será muito mais confortável ao homem que à mulher" (p.32).

No final do século XIX, os movimentos feministas, que tiveram e ainda têm um papel muito importante pela luta do direito das mulheres, passaram a defender os direitos das mães, valorizando a eficiência do trabalho feminino, sugerindo a união entre o trabalho e a maternidade, e lutando pelo direito do voto. Apesar disso, as leis ainda não favoreciam o direito de escolha e liberdade, prevalecendo o lema de que as mulheres possuíam o dever de ser mães (Collin & Laborie, 2009).

Nos anos de 1960, com a chegada do anticoncepcional, a maternidade passou a ter

possibilidade de escolha, e frente ao desenvolvimento de novos métodos contraceptivos, adveio o "novo regime da maternidade", construindo um novo modo de pensar na sociedade, na qual a maternidade deve ser fruto do desejo da mulher, respeitando sua posição (Collin & Laborie, 2009). Contudo, o patriarcado, sistema social em que o homem além de ser o chefe da família, ainda exerce o poder na sociedade, continuou a discutir sobre o corpo da mulher, impondo verdades sobre este (Swain, 2014).

Os papéis determinados para homens e mulheres foram tão enraizados na sociedade, que anos de militância feminista, a fim de acabar com a posição inferior das mulheres no social, não foram suficientes para extingui-los (Swain, 2014). Com isso, os movimentos feministas da contemporaneidade continuam a lutar pelo respeito e igualdade das mulheres enquanto cidadãs e trabalhadoras, enfatizando ainda a autonomia sobre a sexualidade feminina (Fougeyrollas-Schwebel, 2009).

Um processo decorrente da maternidade, consiste na maternidade compulsória, remetendo ao discurso social de que ser mãe é uma obrigação de todas as mulheres. Esse discurso posiciona a maternidade como um instinto feminino, referente às reações naturais de uma mãe com seu filho - notável nos mamíferos, ou ainda, ao talento que mulheres têm para cuidar de crianças. Com isso, as mulheres que escolhem não ter filhos, são invalidadas, e colocadas como infratoras (Allegretti, 2019). A maternidade compulsória pode gerar efeitos negativos na vida das mulheres contemporâneas, conforme Allegretti (2019), existe uma pressão familiar para que a mulher engravide após o casamento, evidenciando o relógio biológico e monitorando o corpo dessa mulher para que tenha filho logo, mesmo que não exista o desejo. Deve-se atentar às consequências possíveis para a mulher ao tentar satisfazer o outro, colocando suas vontades em segundo plano, pois muitas ficam ansiosas, depressivas e fóbicas.

Além disso, a romantização da maternidade acaba deixando muitas mulheres iludidas, pois ensina-se que ser mãe é a maior alegria de uma mulher, uma fase carregada de prazer. Mas ao se depararem com a realidade, sentem-se cansadas, desiludidas e se julgam por não serem boas o suficiente, por não alcançarem os ideais sociais (Allegretti, 2019).

Zanello (2014), dá continuidade a esse raciocínio, ao trazer que em uma sociedade patriarcal a mulher entra em decadência, manifestando por meio do chamado choro imotivado, os sintomas do que seriam questões existenciais e sociais, através de uma vida conjugal que colabora para fator de risco ou proteção à saúde mental das mulheres. O estudo de Hayashi e Moriyama (2019) revela a partir da análise de verbalizações de participantes, que até mesmo mulheres em situação de infertilidade, enfrentam dificuldades diante das exigências sociais e familiares, para que o casal busque soluções a fim de terem filhos.

Outro efeito causado pela maternidade compulsória, trazido por Allegretti (2019), é o sentimento gerado em mulheres que querem abortar, essas sentem-se criminosas, pois aprenderam que essa prática é incorreta. Ao perceberem que não estão de acordo com o que foi imposto socialmente às mulheres, normalmente escondem suas histórias de vida, por medo do julgamento.

Diante dessas reflexões, a maternidade, os significados e o sentido que cada mulher dá a este fenômeno têm ganhado muita ênfase por parte de pesquisadores e profissionais da saúde (Moreira & Rasera, 2010). A maternidade pôde passar a ser vista, como uma possibilidade futura, como um desejo imediato ou até mesmo como uma escolha pela não maternidade. É possível perceber mudanças neste âmbito, ao analisarmos os números expostos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020), onde em 1997 haviam 12,9% de casais sem filhos, enquanto que em 2007 haviam 16% da população.

O tema abordado é relevante, para que a voz das mulheres que escolheram a não maternidade possa ser levantada, concebendo espaço para um grupo que tem, diante das questões sociais construídas, outros projetos de vida e de identidade. Incentivando também, reflexões acerca dos repertórios de maternidade que têm permanecido, permitidos ou impedidos no contexto atual. Além disso, como defendeu Badinter (1985), mostrar que a maternidade não é um instinto, logo, as mulheres que não desejam ter filhos, não devem ser consideradas anormais.

O objetivo geral deste trabalho foi realizar um estudo para refletir sobre fenômeno da maternidade como uma escolha. Os objetivos específicos referem-se à investigação do impacto da não maternidade na vida das mulheres, as percepções que possuem sobre a maternidade e, ainda, sobre a compreensão da relação entre maternidade e ser mulher na sociedade contemporânea.

Método

Esse trabalho trata-se de um estudo de caráter exploratório, utilizando para o levantamento de dados, a pesquisa qualitativa, que conforme Papalia e Feldman (2013) se concentra em dados não numéricos, como experiências, sentimentos, ou crenças subjetivas. Adquiriu-se dados verbais por meio de entrevista semiestruturada centrada no tema Maternidade, sendo analisados pelo referencial teórico-metodológico da Psicologia Sócio-Histórica e por literaturas feministas.

Participantes

Foram entrevistadas cinco mulheres na faixa etária entre 24 e 51 anos, da cidade de Goiânia e região, faixa socioeconômica correspondente à classe média, predominantemente brancas e heterossexuais, escolhidas de forma aleatória. Das participantes, duas são solteiras, duas casadas e uma divorciada. As profissões variam entre vendedora, auxiliar administrativa, auxiliar de atividades educativas, agente de apoio educacional e cabeleireira, auxiliar de coordenação e terapeuta. No que se refere ao nível de instrução, duas possuem ensino superior completo e três estão cursando. As participantes foram nomeadas no trabalho como: P1, P2, P3, P4 e P5.

Instrumentos e materiais

Aplicou-se como instrumento um roteiro de entrevista destinado a mulheres adultas que escolheram não ter filhos, coletando informações acerca da maternidade, ser mulher e da escolha da não maternidade; e um questionário socioeconômico. Os materiais utilizados foram papel, caneta, um notebook e um aparelho celular.

Procedimentos de coleta e análise de dados

Para o presente estudo, foram selecionadas cinco mulheres de modo aleatório através de fontes formais e informais. O convite e os detalhes da entrevista, assim como o questionário socioeconômico, foram enviados pelo aplicativo Whatsapp; após a confirmação da participação, foi enviado o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE), o qual continha informações sobre a pesquisa e seus objetivos, sendo impresso e assinado pelas participantes e depois enviado por foto.

Feito isso, deu-se início às entrevistas semi-estruturadas, constituídas por nove (9) perguntas, aplicadas de forma online via chamada de vídeo pelo Google Meet, com duração de aproximadamente quinze (15) minutos cada uma.

A decisão de entrevistar todas as participantes à distância, esteve pautada pela consideração do contexto pandêmico atual devido a Covid-19. Todas as entrevistas foram gravadas pelo aparelho celular e em seguida transcritas na íntegra para o Word, iniciando assim, o processo de análise dos dados.

Resultados e Discussão

Conhecendo as participantes

As mulheres entrevistadas possuem características em comum, como a naturalidade goiana, identificam-se como brancas, heterossexuais, e de classe social média. É importante que esses pontos sejam considerados, visto que a possibilidade de ser ou não ser mãe ainda é um privilégio de classe.

Abaixo foram inseridos os dados divergentes referentes ao questionário socioeconômico nos aspectos relacionados a idade, estado civil, escolaridade e profissão: P1, 35 anos, casada, ensino superior completo, e, auxiliar administrativa; P2, 24 anos, solteira, ensino superior incompleto, e, vendedora; P3, 32 anos, divorciada, ensino superior incompleto, e, agente de apoio educacional e cabeleireira; P4, 51 anos, casada, ensino superior completo, e, auxiliar de coordenação e terapeuta; P5, 30 anos, solteira, ensino superior incompleto, e, auxiliar de atividades educativas.

Os dados acima exibem informações acerca das características das participantes, como a faixa etária que transita entre o início da vida adulta e vida adulta intermediária (Papalia & Feldman, 2013). Observa-se também o estado civil variado: duas mulheres solteiras – estando uma delas namorando, duas casadas e uma divorciada.

Além disso, duas delas possuem ensino superior completo, uma delas possui duas graduações, e três estão cursando o ensino superior. Outro dado divergente refere-se à ocupação dessas mulheres. Tais diferenças permitem o acesso a diferentes vivências e opiniões, sendo que os pontos diversos, são maiores do que aqueles partilhados pelas participantes.

Para uma clara compreensão dos conjuntos identificados, destaca-se a análise dos sentidos da maternidade para cada relato, no qual foi possível a denominação de 03 conjuntos relevantes, apresentados a seguir.

A maternidade como uma escolha

Este conjunto contém os motivos aos quais as mulheres atribuem a sua escolha pela não maternidade, assim como os desafios diante dessa decisão. As entrevistadas relatam que em nenhum momento de suas vidas sentiram vontade de ser mãe, P2 por exemplo, mostra que o não interesse pela maternidade vem desde criança, quando o brincar de boneca ou de mãe e filha não a interessava: *"Nunca achei legal ser mãe, brincar de ser mãe, essas coisas, tipo aquelas bonecas em forma de bebê, nunca gostei, desde pequena eu sempre odiei essa ideia de ser mãe"*.

De maneira geral, as participantes descreveram que ser mãe é o sonho de inúmeras mulheres, mas que os seus estariam mais voltados a esfera profissional, como expressa P5: *"Minha amiga falou que sempre teve vontade de constituir família, de ter filhos, isso era um sonho, aí eu respondi engraçado, isso nunca foi meu sonho, minha realização pessoal está mais voltada para o profissional"*.

A fala de P5 referente ao sonho profissional, coaduna com o trabalho de Fidelis e Mosmann (2013) que mostra como algumas mulheres priorizam a carreira profissional, investindo sua vida e dedicando-se totalmente ao trabalho. A seriedade de ter um filho também é trazida nas respostas, P5 preocupa-se com a mudança repentina de vida, afirmando que deve se dedicar muito tempo exclusivamente a criança, além de outras questões, como no âmbito financeiro que deve ser planejado.

Segundo Oliveira e Pelloso (2004), a maternidade é tão essencial para a noção de feminilidade para algumas mulheres, que ao escolherem não serem mães, suas identidades levam certo tempo para se reorganizarem. Visto isso, os autores sugerem que quanto mais cedo uma mulher decide não ter filhos, menos sofrimento passa, pois "será menos pressionada pelo limite biológico inevitável" (p.282).

No que diz respeito aos desafios diante da escolha da não maternidade, P1, P2, P3 e P5 compartilham da mesma dificuldade: a cobrança social, que é evidenciada por meio de

comentários de diversas pessoas, entre eles a expressão *"ficar sozinha"* futuramente. Ao se deparar com esses comentários, a entrevistada P1 alega, baseada na experiência vivida com seus irmãos que não estão presentes na vida dos pais: *"Olha, a gente cria filho para o mundo, então, acaba que filho não fica pra sempre com a gente né"*. Já P5, diz que surge sentimento de medo, *"vai dando um vazio"*, mas conta também que algumas pessoas concordam e respeitam.

Enquanto isso, P3 informa que se deve sobressair a esses comentários, e que faz isso com destreza, mas segundo P2, não deveria ter que ouvir essas falas, pois sua escolha deveria ser considerada, como uma atitude normal, principalmente pelos profissionais de saúde, que já demonstraram espanto diante de sua preferência, devido sua idade de 24 anos. As entrevistadas relatam que a família também estranha, como por exemplo, as suas mães que desejam ter netos, levam um tempo para compreenderem a escolha das filhas. Muitas vezes se dedicam a ser mães de pets, como se nomeiam, como reconhece P2: *"A pressão é muito grande, até em casa, às vezes eu falo pra minha mãe que ela vai ter só neto gato, só bichinho de estimação, ela leva na brincadeira"*. Bem como P1, que expressa a pressão familiar: *"A cobrança é muito forte, tanto da sociedade em si, quanto dos parentes mais próximos"*.

Diferente das demais, P4 narra que não existem dificuldades: *"No meu caso, nenhuma. Nenhuma dificuldade, pra mim foi facilidade"*. Sua fala coaduna com a de Fidelis e Mosmann (2013), que declaram a ausência de conflitos na vida dessas mulheres, pois a escolha da não maternidade associa-se à disponibilidade interna e ao favorecimento externo.

A cobrança social, prevalente nas respostas das participantes, relaciona-se com a realidade brasileira, onde muitas sofrem algum tipo de preconceito por não querer filhos. Já o ponto de vista de P2, comprova a importância sugerida por Oliveira e Pelloso (2004) de que os vários profissionais que atendem mulheres, entre eles o médico, devem refletir suas práticas, sua influência sobre a cultura, promovendo um olhar mais atento a respeito das mudanças ocorridas no espaço social nos últimos anos, dando lugar para as escolhas femininas.

No Brasil, segundo estudos realizados em 2019 pela farmacêutica Bayer em parceria com a Febrasgo (Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia) pelo menos 37% das mulheres entrevistadas não desejam ter filhos. Porém, a maternidade ainda é compulsória, a falta de educação sexual nas escolas, a dificuldade no acesso a métodos contraceptivos -embora muitos sejam fornecidos pelo SUS- e a proibição do aborto são grandes barreiras para a construção da não maternidade como uma escolha.

Percepções sobre a maternidade

Baseado nas vivências maternas das entrevistadas, sendo elas provenientes das suas mães, irmãs ou amigas, este tópico oscila entre duas principais visões sobre a maternidade: a beleza de ser mãe e o pavor das dificuldades enfrentadas pela mesma. A maternidade é enaltecida por meio de expressões como *"amor incondicional"* e *"surreal"*, para P1: *"Acho lindo, é perfeito demais, desde quando é gerada a criança, eu penso que é uma ligação muito forte né, de mãe e filho, e eu acho assim, perfeito, é perfeição de Deus"*. Entretanto, P2 comenta que se passa uma impressão inexata da maternidade: *"Eu acho que gerar um filho e tudo mais, é uma parte muito 'glamourizada', eu não gosto, não acho legal"*.

Enquanto isso, P3 traz sua percepção pavorosa, ao descrever as dificuldades observadas durante o pós parto de sua irmã, como a amamentação, o período de cólicas, a recuperação da cirurgia, contribuindo para sua decisão de não ser mãe:

> *"Então, eu acho até estranho minha percepção, a minha irmã tem uma filha de 4 anos, tanto que todo mundo disse pra mim que quando a minha sobrinha*

> *nascesse, que eu ia querer, que eu ia ver de perto né, então eu ia ter aquele sentimento e ia querer ter um. Quando eu vi de perto, eu falei não meu Deus, por que que a gente precisa passar por isso? Eu não quero, aí que eu não quis, porque eu achei tão difícil, sabe? É tão difícil aquela questão na hora do parto e depois do parto, e ter aquele resguardo, e ter alguém te ajudando porque você não pode fazer nada, se não os pontos abre, tanto que ela assustou e pulou da cama e o ponto abriu, e eu fui vendo, aí a minha sobrinha começou a fase das cólicas, era cerca de 15 dias até quatro meses e meio, ela chorava [...]Eu fiquei meu Deus! Eu não preciso passar por isso não, que bobeira gente, ter filho é uma bobeira, olha que sofrimento, pra que? Então eu tive essa percepção de que é muito pior do que eu imaginei sabe, muito mais dolorido",*

Alguns relatos também expressam, que a ajuda nos cuidados de crianças próximas, como irmãos e sobrinhos, contribuiu para a percepção da grande responsabilidade de criar um filho. Em sua fala, P4 exprime: "*eu ajudei a cuidar do meu irmão adotivo, que chegou em casa com dois meses e quinze dias, e depois cuidei da minha sobrinha, porque a minha irmã tinha problema psicológico"*.

Em relação à beleza empregada nas verbalizações, a maternidade envolve-se ao repertório romântico, descrito por Moreira e Rasera (2010) como amor, mágica e perfeição. Enquanto que a percepção pavorosa está ligada à "maternidade medicalizada", pertencente aos sentidos de risco, cuidado, saúde, doença e normalidade.

As entrevistadas também comentaram ações que uma boa mãe deve praticar, como *"apoiar"*, *"dar carinho"*, *"cuidar"* e *"educar"*. Dado isso, surgem críticas às mães que são ausentes, que deixam seus filhos carentes de afeto, como indigna-se P4: *"porque tem umas que nossa senhora, larga o menino pra lá e esquece a vida"*. Nesse sentido, P2 descreve comportamentos ruins que tem visto de mulheres com seus filhos, e fala também da sua relação distante com sua mãe na infância, afirmando que o apoio materno é de extrema importância para o desenvolvimento da criança. Já a entrevistada P5, traz que para ser mãe é necessário um dom, e que deve ser dedicado muito tempo de carinho e atenção, devendo ser uma atitude planejada.

De acordo com Moreira e Rasera (2010) essas descrições podem ser nomeadas como "maternidade exigente", pois refere-se ao repertório que reproduzem a maternidade em condições de exigências, normas, princípios que se encaixam à mãe, ou ainda, uma boa mãe. Além disso, P3 e P5 manifestaram as dificuldades de ser mãe, mulher e ter uma dupla ou tripla jornada. De acordo com suas visões, o "peso" referente à responsabilidade é maior para a mulher, como expressa P5: *"desde quando nasce, a amamentação, levantar de madrugada para olhar, obviamente que tem as exceções, tem pai que é muito participativo, mas eu acho que o maior peso está sobre a mulher"*.

Similarmente, P3 traz a sensação angustiante do encargo de ser mãe, expressa-se: *"eu ainda brinco, se é pra ser pai eu quero! Mas pra ser mãe, não"*. Esses pensamentos relacionam-se ao trabalho de Allegretti (2019), afirmando que a cultura prega o instinto materno, passando a impressão de que os cuidados dos filhos são mais simples para as mulheres, diferente do homem, que por ser provedor do lar, não possui necessidade e nem habilidade na criação.

Tendo que lidar com tantas obrigações, a mulher é vista como batalhadora, P1 admite: *"mulher carrega um fardo pesado viu, nós mulheres somos guerreiras, tiro isso por base já de mulheres da família, minha avó, minha mãe"*. Diante da fala de P1, Lessa (2012) salienta que especificamente as mulheres, são "estraçalhadas pela pressão social" (p.86), sendo praticamente impossível se desenvolver

integralmente em todas as demandas da vida, sejam elas o emprego, ser esposa, ser mãe, amiga, entre diversas outras.

Em geral, a percepção sobre maternidade de cada uma das entrevistadas, diz respeito ao contexto em que estão inseridas, a concepção sobre ser mãe se deu a partir das vivências e dos sentimentos gerados. No mundo, cada mulher carrega dentro de si um motivo particular para sua decisão de ser ou não ser mãe, e essa decisão baseia-se em suas percepções. Porém, mesmo diante da importante decisão de não ser mãe, são internalizados sentidos normativos sobre a maternidade, fazendo com que se sintam à margem da sociedade.

Maternidade e ser mulher

Neste tópico, os papéis femininos entram em cena, ao ser questionado quais expectativas as participantes já sentiram por ser mulher e o que fazem sentir realizadas. As respostas das participantes em torno das expectativas, relacionam-se à maternidade compulsória, visto que ser mãe é uma obrigação da mulher perante a sociedade, como diz P5: *"Existe uma ligação entre ser mulher e gerar filho, mulher e ter a prole"* em outro trecho completa: *"Parece que está amarrado, você ser mulher, consequentemente vai constituir uma família e ter filhos"*.

Ademais, P5 questiona o fato de que o homem não passa por essa mesma situação, ou seja, é próprio do ser mulher: *"Isso eu não consigo ver com homem, se ele falar que não quer ter filho, não vão perguntar o porquê, assustados"*. Tal qual diz P3: *"A única coisa que eu tenho certeza que a sociedade espera de mim é ter um marido e ter filhos[...] eu sou muito cobrada por não ter filhos. Muito mesmo"*.

Uma das entrevistadas traz a concepção da igreja no discurso da maternidade compulsória, sustentando a necessidade de a mulher tornar-se mãe. Ao perceber que a decisão de não ter filhos gerou uma aversão, P2 deixou de participar de sua instituição religiosa: *"Teve um dia que eu falei que eu queria casar, mas não queria ser mãe, todo mundo ficou horrorizado comigo, teve gente que virou a cara para mim"*.

Assim como P2, a entrevistada P3 abordou questões religiosas, disse que muitas clientes a incentivaram ser mãe, uma delas leu a Bíblia: *"eu já tive cliente que chega lá e lê a bíblia para mim, em um pedaço que fala que a mulher tem que ter filho, tem que reproduzir, então, nesse ponto eu fui muito cobrada e até hoje eu sou"*.

Enquanto que P4, acredita que a mulher possui uma missão, mas não são todas que seguem à risca, fazendo o papel de ser mãe ou dona de casa, elas preferem seguir um caminho diferente.

Badinter (1985) defende que a Bíblia traz muitas partes em que as mulheres devem se sujeitar ao marido, obedecendo suas vontades, e este, tem total direito de se impor. Visto isso, muitas pessoas, baseadas em valores e crenças, julgam a decisão dessas mulheres de não serem mães, causando desconforto e pressão para a maioria.

Geralmente, as entrevistadas são questionadas acerca dos companheiros e o desejo de serem pais, afirmam que eles as farão mudarem de ideia, ou ainda, que elas precisarão atender à necessidade e desejo deles. Desse modo, P3 expõe que seu marido deseja ser pai e conclui sua resposta baseada em fatos que já presenciou: *" Aham aí eu faço isso por ele, amanhã ele arruma outra, e me paga 200 reais por mês de pensão e nem visitar vai"*.

Por outro lado, alguns concordam, como P2 diz: *"minha mãe fala que meu marido não vai aceitar, aí ele fala que também não quer ter filhos e ela fica meio que horrorizada"*. O apoio do companheiro colabora na decisão da não maternidade, P1 e P2 expõe que felizmente encontraram pessoas que concordam sobre esse assunto, evitando conflitos na vida diária. Allegretti (2019) valida essas situações, ao informar que a cultura patriarcal e os papeis de gênero, ao

serem normatizados, tornou-se natural que o homem determine o desejo de ter filhos, sendo então dever da mulher gerá-los.

Ao longo da entrevista, buscou-se compreender o que faz essas mulheres sentirem realizadas, e, de acordo com suas respostas, este fator estaria ligado a sentir-se bem consigo mesma em aspectos de conquista, ter autonomia e independência, estar perto da família e amigos, praticar atividade física, estudar e trabalhar.

Assim como a maternidade, as mulheres também encontram no trabalho uma chance de autorrealização, por meio dele pode conquistar responsabilidade, criatividade e auto-expressão, desenvolvendo suas potencialidades (Oliveira & Pelloso, 2004). Além disso, existem várias outras possibilidades do ser mulher, capazes de satisfazer cada uma, de acordo com sua singularidade.

Outra questão apresentada, consistiu na influência da sociedade para a mulher tornar-se mãe, e todas acreditam que exista pressão social, quatro delas afirmaram serem muito cobradas atualmente e uma relatou que já não é como antigamente, que a exigência é menor.

A participante P2 por exemplo, menciona a mídia como estímulo para a maternidade, apresentando desde a satisfação da descoberta de uma gravidez até os detalhes encantadores das vestimentas dos bebês.

> *"Uma coisa que me mata de raiva são as propagandas de teste de gravidez, porque sempre dá positivo e sempre a mulher tá muito feliz, e quando eu faço o meu e dá negativo, eu fico muito feliz também, sabe, tudo é muito "glamourizado", tipo ah ser mãe é maravilhoso, ah olha a roupinha de bebê que linda e tentam te enfiar isso goela abaixo, as blogueiras principalmente, tá todo mundo engravidando e tá uma coisa tipo ah meu Deus, maternidade é linda, é perfeita, não é, eu não quero, não quero passar por isso, eu tô de boa".*

Esse trecho nos remete aos dados de uma pesquisa realizada pela Nascer no Brasil, coordenada pela Fiocruz (2014) a qual mostra que 30% das mulheres entrevistadas não desejavam engravidar e 9% delas ficaram insatisfeitas com a notícia, diferente do que é exibido na mídia segundo P2.

É pertinente expor, que de acordo com os dados do estudo Maternidade Sem Filtro, produzido pela plataforma de pesquisa digital Mindminers (2019), 40% das mães disseram querer ver também o lado negativo da maternidade nas propagandas, 63% delas gostariam de ver os medos e desafios retratados na publicidade, 79% gostariam de se ver representadas em um contexto mais real de maternidade. A pesquisa elaborada no meio publicitário, torna visível uma necessidade de representações reais da maternidade.

Durante a entrevista, surgiram comentários sobre pessoas que têm filhos por se deixarem influenciar pela sociedade, ou que se magoam com o julgamento ao falarem que não querem ser mães. Segundo P3, se ela não fosse tão decidida, já teria cedido: *"Eu sou muito cabeça dura, tenho muito foco no que eu quero e não sou de me importar com a opinião de ninguém"*. Já a participante P4, traz o fato de que esse século é bem diferente dos passados, no qual a mulher precisava casar e ter filhos para deixar um herdeiro: *"Hoje em dia, se você casou, casou, se não casou tá bom demais"*. Ela argumenta também, sobre a qualificação que o mercado de trabalho exige, e a dificuldade que mulheres com filhos enfrentam para serem aceitas em algumas empresas: *"Se bem que tem umas empresas aí que são mais da idade da pedra, a pessoa fala que tem um filho e ela não será aceita na empresa"*.

Esse fato pode estar relacionado à predominância feminina nos cuidados de pessoas e afazeres domésticos, e muitas são demitidas quando voltam da licença maternidade.

A entrevistada P5, traz à tona o preconceito que já sofreu por ser filha de mãe

solteira e também presenciou essa cena com outras mães e filhos, podendo ter influenciado na sua decisão pela não maternidade: *"Já presenciei alguns preconceitos contra filho de mãe solteira, pode ser que isso tenha a ver. Acho que a sociedade é muito preconceituosa quanto a isso"*.

O Brasil possui muitas famílias formadas por mães solo, hoje é cada dia mais comum. Para essas mulheres, que são as únicas ou principais responsáveis pelo cuidado com os filhos, a vulnerabilidade social é ainda maior. Por fim, as participantes puderam acrescentar algo que gostariam, nesse momento P1 manifestou-se a respeito do real motivo da decisão de não ter filhos, comentou sobre a desesperança deste mundo, visto como *"cruel"*, com *"falta de amor ao próximo"* e capaz de levar os filhos *"para lados ruins"*.

Por mais que a maternidade para muitas mulheres constitua a lista de realizações em termos emocionais, é importante ressaltar que muitas decidem pela maternidade devido às expectativas sociais (Fidalgo, 2000). Toda mulher precisa compreender o significado da maternidade real, para que sua decisão seja reflexo do seu querer, e não por influência social ou por cedência, mas pelo que a faz sentir realizada.

Considerações finais

A partir das discussões acerca do fenômeno da maternidade como uma escolha, foi possível refletir sobre a construção da não maternidade, visualizar as percepções que essas mulheres têm sobre a maternidade, e compreender a correlação existente entre maternidade e ser mulher na concepção das entrevistadas.

Como a análise mostra, nem todas as mulheres sonham em ser mães. Por essa razão, é necessário que a maternidade seja uma possibilidade e não uma imposição. Para isso, é preciso possibilitar a elas a chance de sonhar com outras realidades. Apesar da queda nas taxas da natalidade ser uma tendência, como foi apontado no IBGE (2020) e as discussões sobre a autonomia feminina terem crescido nos últimos anos, a não maternidade ainda é motivo de estigmatização e julgamento.

Uma parte importante da cultura que leva à maternidade compulsória é a ideia da mulher como um ser incompleto, que só pode ser plena se acompanhada de marido e filhos. Em outra perspectiva, todo ser humano é completo e suficiente por si, não devendo ter seu valor atrelado a relacionamentos ou a reprodução.

Vê-se que as mulheres contemporâneas sofrem as marcas deixadas pelo patriarcado e enfrentam efeitos psicológicos ao não fazerem escolhas genuínas em algumas áreas de sua vida, pois acabam escolhendo de acordo com o julgamento da sociedade e não com seu próprio desejo. Junto à maternidade compulsória, as mulheres carregam o fardo de dona de casa, e quando escolhem trabalhar fora e/ou estudar, continuam com a responsabilidade do lar, precisam lidar com duplas ou triplas jornadas de trabalho, gerando eventos estressores e adoecimento.

Foi trazido pelas participantes que a realidade da maioria dos lares enxerga as mulheres como as únicas responsáveis pelos filhos. A cultura ainda coloca sobre essas a carga do trabalho de cuidado, dificultando que todas em geral, e, as mães em particular, ocupem seu espaço no mercado de trabalho e recebam remuneração justa. Sendo assim, os coletivos sociais têm a responsabilidade de estimular os homens a assumirem seu papel dentro de casa, retratando-os também na função de cuidadores.

Conforme os dados estatísticos, o número de mulheres que escolheram não ter filhos aumentou, e hoje em dia, algumas têm gerado visibilidade através das redes sociais, se unindo em grupos, sites e fóruns para compartilhar experiências e discutir sobre pontos de vista. É essencial que esse tipo de troca progrida, para que essas mulheres não sejam invisibilizadas, e contribuam para a eliminação de estereótipos de gênero e da maternidade compulsória.

Faz-se necessário que as pessoas tenham acesso ao conteúdo sobre a construção histórica patriarcal acerca da maternidade, que em seu processo gerou muitas imposições sociais e consequências negativas, incitando a necessidade de desconstruir alguns padrões que tanto prejudicam.

O preconceito ainda é eminente, e, por isso, a desconstrução de pensamentos referentes à maternidade é uma emergência. Fato que contribuirá para um cenário de aceitação da nossa realidade atual e para que sejam desenvolvidas políticas públicas, garantindo direitos que contribuam na saúde psíquica e física das mulheres.

Nesse sentido, é de extrema importância a educação sexual para que as mulheres aprendam a conhecer o próprio corpo e obtenham informação de qualidade sobre todos os métodos contraceptivos disponíveis. Apesar dos métodos estarem acessíveis, não há orientação eficiente de como utilizá-los. O tema do controle reprodutivo e do planejamento familiar deve ser abordado corretamente nas escolas, sensibilizando os jovens para a importância do seu uso correto, e para o conhecimento do funcionamento do próprio corpo.

Almeja-se que as discussões aqui realizadas possam consistir como um convite para questões de como a maternidade, a mulher e o homem têm sido retratados, que tipo de publicidade a mídia tem feito sobre a maternidade e com qual propósito. Além disso, sugere-se um aprimoramento para trabalhos futuros, através de um estudo que englobe mulheres com diferenças sociais, naturalidade, orientação sexual e raça, para investigar a realidade da não maternidade em outros grupos e identidades. Questionar essa relação é abrir caminho para as discussões sobre a paternidade facultativa e toda carga mental que as mães suportam graças a uma responsabilidade quase unilateral, possibilitado que as mulheres escolham conscientemente seus destinos.

Referências

Allegretti, F. E. (2019, outubro). Aborto e maternidade compulsória: considerações acerca dos direitos reprodutivos das mulheres. In A. Wermuth, M. A.D. & Meneguzzi, N. G. III Congresso Nacional Ciências Criminais e Direitos Humanos. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

Badinter, E. (1985) Um amor conquistado: o mito do amor materno. (W. Dutra, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1980)

Brasil. Ministério da Saúde. (2014, Maio). Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Nascer no Brasil: pesquisa revela número excessivo de cesarianas. Retirado de: https://pensesus.fiocruz.br/nascer-no-brasil-pesquisa-revela-número-excessivo-de-cesarianas

Camargo, T. (9 de agosto de 2019). Maternidade Sem Filtro (Parte III). Mindminers blog. Retirado de: https://mindminers.com/blog/maternidade-sem-filtro-parte-iii-2/

Collin, F. & Laborie, F. (2009) Maternidade. In A. Hirata, H., Laborie, F., Doaré, H. & Senotier, D. (Orgs), Dicionário crítico do feminismo (pp.133-139). São Paulo: UNESP.

Dimenstein, M. (2008). Representações de maternidade de pacientes e terapeutas: questões para a prática da psicologia nos serviços públicos de saúde de Teresina-PI. Psicologia e práticas sociais [online]. (pp. 388-401). ISBN: 978-85-99662-87-8.

Fidalgo, L. A. (2000). (Re)Construir a Maternidade numa Perspectiva Discursiva. (Tese de Doutorado, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar Universidade do Porto, Porto, Portugal). Retirado de https://hdl.handle.net/10216/64564

Fidelis, D. Q. & Mosmann, C. P. (2013). A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. *Aletheia, 42*, 122-135. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000300011&lng=pt&tlng=pt

Fougeyrollas- Schwebel, D. (2009). Movimentos feministas. In A. Hirata, H., Laborie, F., Doaré, H. & Senotier, D. (Orgs), Dicionário crítico do feminismo (pp.144-149). São Paulo: UNESP.

Hayashi, E.A.P. & Moriyama, J.S. (2019). Grupo de apoio psicológico a mulheres em situação de infertilidade. *Psicologia: Ciência e Profissão, 39.* Doi: 10.1590/1982- 3703003179820

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2020). Censo demográfico. Acesso em 29 de outubro, 2020, em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude

Lessa, S. (2012a). O masculino e o feminino. Abaixo a família monogâmica. [Versão Digital]. (pp.29-39). ISBN: 978-85-65999-10-6

Lessa, S. (2012b). Os limites e as virtudes do feminismo. Abaixo a família monogâmica. [Versão Digital]. (pp.81-88). ISBN: 978-85-65999-10-6

Moreira, R. L. C. A. & Rasera, E. F. (2010). Maternidades: os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-las. *Psicologia & Sociedade, 22*(3), 529-537.

Oliveira, A. F. & Pelloso, S. M. (2004). Paradoxo e conflitos frente ao direito de ser mulher. *Maringá*, *26*(2), 279-286.

Paiva, V. (28 de setembro de 2019). 37% das brasileiras não quer ter filhos, aponta pesquisa. Hypeness. Retirado de: https://www.hypeness.com.br/2019/09/37-das-brasileiras-nao-quer-ter-filhos-aponta-pesquisa-2/

Papalia, D. E. & Feldman R. D. (2013). Teoria e pesquisa. Desenvolvimento Humano. [Versão Digital]. (pp. 70-71). Retirado de: https://www.meulivro.biz/embriologia/577/desenvolvimento-humano-papalia-12-ed-pdf/

Sonego, J. C. & Lopes, R. C. S. (2009). A experiência da maternidade em mães adotivas. *Aletheia, 29*,16-26. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413039420090001000003&lng=pt&tlng=pt

Swain, T. N. (2014). Por falar em liberdade.... In A. Stevens, C., Oliveira, S.R. & Zanello, V. (Orgs). Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas (pp. 36-51). [Versão Digital]. ISBN 978-85-8047-056-7

Zanello, V. (2014) Saúde mental, mulheres e conjugalidade. In A. Stevens, C., Oliveira, S.R. & Zanello, V. (Orgs). Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas (pp. 108-118). [Versão Digital]. ISBN 978-85-8047-056-7